

Literatura infantil na pré-escola: importância da hora do conto

Cristina Mieres de Oliveira - Faculdade Inedi mierescris@yahoo.com.br
Cristiane Lumertz Klein Domingues - Faculdade Inedi cristianedomingues@cesuca.edu.br

Resumo: Este trabalho foi a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado na Faculdade Inedi. Teve como tema a literatura infantil, aqui entendido como um momento único e mágico para as crianças pequenas, sendo um ponto de partida para formar leitores e de auxiliar no seu desenvolvimento através do imaginário. Para tanto, esse trabalho buscou constatar práticas pedagógicas utilizadas atualmente pelos professores na hora do conto. Tal pesquisa teve como problema: Quais as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da pré-escola na hora do conto. Os estudos foram realizados em turmas da pré-escola com alunos e professores, na hora da contação de histórias. A pesquisa é um estudo de campo de cunho qualitativo, com observações sem intervenções e entrevistas abertas. Os resultados obtidos mostram o desenvolvimento de práticas pedagógicas a serem realizadas na hora do conto com alunos da pré-escola.

Palavras-Chave: Literatura Infantil; Hora Do Conto; Pré-Escola.

Abstract: This work was the realization of Work Course Conclusion (TCC) at the Faculty Inedi. Theme was children's literature, here understood as a unique and magical moment for small children, and a starting point to form readers and assist in their development through the imagination. Therefore, this study sought to observe teaching practices currently used by teachers in storytelling. This research had the problem: What are the pedagogical practices used by pre-school teachers in storytelling. The studies were conducted in preschool classes with students and teachers at the time of storytelling. The research is a qualitative nature of field studies with observations without intervention and open interviews. The results show the development of educational practices to be carried out at the time of the story with preschool students.

Keywords: Children's Literature; Tale hour; Preschool.

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias apareceu muito antes de a escrita ser inventada, ou seja, o ato de contar uma história já estava presente na vida das pessoas e era uma maneira fácil e única da época. Contar histórias encanta qualquer pessoa, ainda mais se ela for bem contada, planejada e escolhida. A hora do conto é um instrumento muito importante na formação de um indivíduo sendo um estímulo à leitura e um facilitador para a escrita, pois desperta a imaginação da criança, momento em que ela sonha acordada, e o professor é um mediador deste momento especial.

O presente texto terá como tema a hora do conto na Educação Infantil, cujo principal objetivo é conhecer, compreender e analisar aspectos relacionados a esse momento de contação de histórias e a verdadeira importância da leitura, para os alunos da educação infantil, em

[Digite aqui]

específico com crianças e professoras da pré-escola da rede particular e pública das cidades de Gravataí e Cachoeirinha.

Esse artigo se utilizou do método de pesquisa qualitativa, com realizações de entrevistas e por meio de contribuições de alguns teóricos para o embasamento, possibilitando-nos uma maior compreensão e um entendimento sobre a hora do conto na pré-escola. Para tanto, foram organizados roteiros de observação e entrevistas que foram aplicados nas turmas da pré-escola, com os professores, visando um olhar detalhado para as propostas e para os objetivos pedagógicos voltados para a perspectiva da hora do conto.

Segundo Abramovich (2005.p.17): “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”.

Sabemos que a hora do conto é um momento de encantamento, fascinação; portanto o objetivo foi identificar os benefícios dessa metodologia na vida das crianças, através das práticas pedagógicas de cada professor, conhecer essas metodologias utilizadas na hora do conto, para assim desenvolver momentos especiais com as crianças, identificando a importância da contação de histórias na vida e no desenvolvimento dos alunos. Conforme Abramovich: [...] “para contar uma história seja qual for, é bom saber como se faz” (ABRAMOVICH, 2005, p.18).

2 RETROSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A concepção de infância surgiu quase que ao mesmo tempo em que a literatura infantil. Ambas surgiram com uma nova concepção de família, com a ascensão da criança gerando um novo pensamento pedagógico, possibilitando, assim, que as crianças tivessem um atendimento diferenciado dos adultos, voltado para sua faixa etária. Segundo Craidy e Kaercher:

O surgimento das novas instituições de educação infantil esteve de certa forma relacionado ao nascimento da escola e do pensamento pedagógico moderno, que pode ser localizado entre os séculos XVI e XVIII. A escola muito parecida com as que conhecemos hoje organizou-se porque ocorreu um conjunto de possibilidades: a sociedade na Europa mudou muito com a descoberta de novas terras, novos mercados e com o desenvolvimento científico, mas também com a invenção da imprensa, que permitiu que muitos tivessem acesso à leitura (da Bíblia, principalmente) (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p.14).

Nesse período, as escolas se tornaram responsáveis pelos atendimentos as crianças, no intuito de propagar a imagem da infância, assumindo um papel de proteção e também de prepará-la para a vida adulta, ou seja, o trabalho, separando-as da sociedade e levando-as para

essas instituições. As crianças passam a ficar isoladas nessas instituições conhecidas como internatos, assimilando uma imagem de impotência e incapacidade perante o seu mestre.

Conforme Zilberman:

Em primeiro lugar acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que então até tivera. Ao invés de uma hierarquia social, vive em uma comunidade em que todos são igualados na impotência: perante a autoridade do mestre e, mais adiante da própria instituição educacional, todos estão despojados de qualquer poder (ZILBERMAN, 1994, p.18).

Anos mais tarde, surgiram as creches e as pré-escolas; com a revolução industrial, mulheres começaram a sair de casa para trabalhar, deixando seus filhos pequenos aos cuidados dessas escolas. Nessa época, houve uma nova concepção de família, na qual as mulheres conseguiram sua independência financeira, trabalhando nessas indústrias e, com isso, ajudando os maridos com as despesas da casa.

Segundo Craidy e Kaercher (2001), as expansões de creches e pré-escolas no Brasil ocorreram na metade do século XX, com ideias de psicólogos e médicos higienistas. Seu surgimento aconteceu a partir de mudanças políticas e sociais, como a entrada de mulheres no mercado de trabalho no setor industrial. Neste período, nasce um novo conceito pedagógico na escolarização da criança; ela passa de um ser inato para se tornar um indivíduo produtivo no meio social, através da escolarização. Ressalva Craidy e Kaercher:

Ao considerarmos que a educação infantil envolve simultaneamente cuidar e educar, vamos perceber que esta forma de concebê-la vai ter consequências profundas na organização das experiências que ocorrem nas creches e pré-escolas, dando a elas características que vão marcar sua identidade como instituições que são diferentes da família, mas também da escola. (Aquela voltada para crianças maiores de sete anos) (CRAIDY; KAERCHER, 2001, p. 17).

Com o passar dos anos, no Brasil, novas manifestações vão surgindo, as quais garantem o direito à cidadania para essas crianças, essas manifestações são um marco na história da educação infantil. Além de assegurar cuidado, garantem também educação, pois, desde seu nascimento, a criança precisa ser cuidada e educada, uma educação continuada; portanto, esses direitos vêm se configurando, consolidando para garantir toda a assistência para as crianças dessa faixa etária. Podemos ler no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI); que é uma referência para estruturação de currículo, de caráter nacional, surgindo para contribuir para o planejamento e para o desenvolvimento das práticas pedagógicas educativas, trazendo um momento de reflexão geral sobre cuidar e educar. Segundo Costa:

[...] é clara a intenção de se trabalhar o cuidado que educa e da educação que cuida. O país dá um salto nas políticas educacionais, valorizando, destacando e impulsionando diretrizes fundamentais no segmento da Educação Infantil, enfatizando o direito de a criança não ser exclusivamente educada mas também cuidada e vice-versa (COSTA, 2010, p.62).

Segundo Costa (2010), esses conceitos de cuidar e educar apontam atitudes de atenção, interesse, acolhimento e amparo, sendo que na Educação Infantil essas atitudes estão associadas à sobrevivência e ao desenvolvimento da identidade da criança, tornando-se fundamental um ambiente adequado para suprir todas as exigências do cuidar e educar, sendo fundamental o papel do educador qualificado para garantir êxito em seu trabalho.

3 IMAGINAÇÃO

Segundo Girardello (2011), a imaginação, principalmente para a criança, é um espaço de liberdade; sua imaginação move-se conforme acontecimentos que ela vê, observa ou ouve. Durant afirma:

[...] em sua totalidade do psiquismo, já que ele se desprende da sensação imediata, ao imaginário, e o pensamento em sua totalidade se encontra integrado na função simbólica, sendo que a imaginação se revela como fator geral de equilíbrio psicossocial (DURANT, 1998, p.77).

Para Durant (1998), as imagens organizam-se no tempo, em instantes psíquicos em uma história. Sendo assim, os jogos são importantes nessa lógica, pois educam a infância, permitindo a imaginação e a sensibilidade simbólica da criança, ou seja, “brincar” com toda a liberdade. “Assim, bem antes da sociedade adulta, os jogos educam a infância no seio de um vestígio simbólico arcaico” (DURANT, 1998, p.85). Durant ainda diz que:

Essa fase lúdica se encontra em ligação estreita com a pedagogia da fase parental, segundo a qual a “escola dos jogos” e toda a escola é mais ou menos lúdica, vai tolerar, encorajar ou a o contrário, reprimir os jogos e o pré-exercício sexual e conjugal (DURANT, 1998, p.85).

Para Girardello: “Uma das condições mais frequentes apontadas como favoráveis à imaginação é a possibilidade de fruição estética, especialmente o contato profundo da criança com a literatura e a arte” (GIRARDELLO, 2011, p.77). Durant (1998) acredita que existem dois patamares do simbolismo, o de nível pedagógico, que é a educação da criança pelo ambiente imediato. Normalmente, essa fase se reduz nos primeiros anos da infância, dos 3 aos 5 anos. E também o nível cultural, que é sistemático, sendo uma ligação mútua entre os homens, um laço, uma herança entre si.

Os alunos da Pré-escola, para Piaget, estão na fase do pensamento animista, ou seja, as crianças atribuem características pessoais e humanas a elementos da natureza, seres inanimados, objetos, animais etc. Para essas, todos esses elementos são como as pessoas, pois possuem vida, falam e têm sentimentos. Conforme Bettelheim:

Como Piaget mostrou, o pensamento da criança permanece animista até a idade da puberdade. Seus pais e professores lhe dizem que as coisas não podem sentir e agir, e

por mais que ela finja acreditar nisso para agradar a esses adultos, ou para não ser ridicularizada, bem no fundo a criança sabe melhor (BETTELHEIM, 2000, p. 60).

Portanto, os contos trazem a fantasia para as crianças e são importantíssimos na vida delas, segundo Bettelheim:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então as associações livres da criança com a história fornecem-lhe o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem. Quando escuta uma história pela primeira vez, por exemplo, uma criança não pode lançar-se no papel de uma figura do outro sexo. É necessário distância e elaboração pessoal de algum tempo antes que a menina possa identificar-se com João em “João e o pé de feijão” e um menino com Rapunzel (BETTELHEIM, 2000, p. 74).

De acordo com Bettelheim (2000) durante a contação de histórias nas escolas ou bibliotecas, as crianças se fascinam, mas, para esse conto se tornar significativo, elas precisam ser estimuladas e ter a oportunidade de pensar e de meditar sobre o que foi contado, pois assim, elas compreendem melhor, tendo um impacto maior, conseguindo falar e contar o que ouviram, trazendo para a maioria das crianças ouvintes, uma história muito mais emocional e intelectual. Bettelheim afirma que:

A fantasia preenche enormes lacunas na compreensão de uma criança que são devidas às imaturidades de seu pensamento e à sua informação pertinente. Outras distorções são consequência de pressões internas que levam as falsas interpretações das percepções infantis (BETTELHEIM, 2000, p. 77).

Além disso, os contos de fadas ajudam as crianças a trabalhar com as problemáticas do cotidiano. A criança é estimulada a entender e a buscar as soluções através do significado simbólico transmitido pela contação de histórias. Para Bettelheim: “A criança que está familiarizada com os contos de fadas compreende que eles lhe falam uma linguagem de símbolos e não de uma realidade cotidiana” (BETTELHEIM, 2000, p.78).

4 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para Abramovich (2005), para se contar uma história, independentemente qual seja o primeiro passo, é saber contá-la. Segundo Abramovich: “afinal nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes” (ABRAMOVICH, 2005, p.18). Portanto, quando lemos uma história para as crianças, é preciso antes de tudo conhecê-la, pois não pode acontecer por parte do leitor demonstrar que não está familiarizado com as palavras que pode encontrar no texto, ou até mesmo apresentar dificuldades em falar os nomes dos lugares ou personagens. Segundo Abramovich:

[...] empacar ao pronunciar o nome de um [SIC] determinado personagem ou lugar, mostrar que não percebeu o jeito que o autor construiu suas frases e ir dando as pausas nos lugares errados, fragmentando um parágrafo porque perdeu o fôlego ou fazer um ponto final quando aquela ideia continuava, deslizando na página ao lado [...] (ABRAMOVICH, 2005, p.20).

Segundo Abramovich (2005), não é só o fato de as palavras não serem conhecidas que podem prejudicar a hora do conto, mas também a história pode apresentar conteúdo impróprio, ou seja, apresentar preconceitos, mentiras, ou um texto não condizente com a faixa etária. Portanto, a leitura prévia é imprescindível para que fatos como esses não aconteçam; episódios desse tipo acabam com qualquer hora do conto. Abramovich completa dizendo que:

“[...] ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita [...] Assim, quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho e que por isso chega no ouvinte (ABRAMOVICH, 2005, p.20).

É importante que o professor crie um clima de envolvimento e encantamento para a contação de histórias, sabendo dar as pausas corretas, os intervalos certos, pois é nesse momento que ele precisa dar tempo para as crianças pequenas usarem o imaginário e criarem um cenário, no qual elas adentram na história através de sua imaginação e viagem nas suas próprias fantasias. Para Abramovich:

[...] o tempo para o imaginário das crianças construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar seus dragões, adentrar pela casa, vestir a princesa, pensar na cara do padre, sentir o galope do cavalo, imaginar o tamanho do bandido e outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 2005, p. 21).

Conforme Abramovich: “O professor precisa curtir o ritmo que cada narrativa pede e até exige” (ABRAMOVICH, 2005, p.21). O contador precisa saber usar as possibilidades da sua voz como: aumentar a voz, diminuir, falar bem baixinho (cochichar), fazer entonações de surpresa, espanto, medo, barulhos diversos; todas essas possibilidades fazem com que a criança tenha tempo de imaginar e tomar sua posição perante a história.

Segundo Abramovich (2005), saber começar a hora do conto é primordial, pois assegura a atenção do ouvinte desde o início. Então começar com “Era Uma Vez...” é como se fosse uma senha mágica que ajuda a despertar o interesse e a curiosidade dessa criança. Para Abramovich: “Ah, segurar o escutador desde o início, pois se ele desinteressa de cara, não vai ser na metade ou quase no finalzinho que vai mergulhar” (ABRAMOVICH, 2005, p.21). De acordo com Abramovich:

[...] para a criança da pré-escola ouvir histórias é fundamental (agora numa relação de um adulto e várias crianças). Ah, e ai antes de começar é bom pedir que se aproximem, que formem uma roda, para viverem algo especial. Que cada um encontre um jeito gostoso de ficar: sentado, deitado, enrodilhado, não importa como... cada uma a seu gosto... “E depois quando todos estiverem acomodados, ai começa: Era Uma Vez” (ABRAMOVICH, 2005, p. 21).

No final de cada história também é necessário usar um jeitinho especial. “E assim acabou a história, entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra” (ABRAMOVICH, 2005, p. 22). E nesse final é interessante mostrar à criança aquilo que ela ouviu está impresso e que quando quiser ela poderá voltar àquele livro, mesmo que ainda não saiba ler. Deixe enfatizada a ideia de voltar a ele, pois o fato da criança pegá-lo na biblioteca, folheá-lo, é uma forma de exploração e contato com os livros e ajuda na formação de um futuro leitor.

Para Coelho (2004), um fato bastante importante para o êxito da contação de histórias é sua duração, sendo que ela depende de cada faixa etária; de 5 a 10 minutos para os pequenos; de 15 a 20 para os maiores. Compete ao narrador observar e decidir em alongar ou diminuir o texto, dependendo das circunstâncias, e se for a pedido dos ouvintes, podemos contá-la novamente.

E, para finalizar, depois de contada a história, é fundamental uma conversa com os alunos, explorar, aprofundar os elementos importantes do conto, ampliar o entendimento dos alunos, proporcionar aos alunos um momento de diálogo aberto. “Quando são oportunizados momentos de diálogo aberto, considerando não apenas a opinião das crianças, mas, além disso, seus sentimentos, medos angústias e reflexão pessoal da história” (ALVES, ESPINDOLA, MASSUIA, 2011, p. 113).

5 METODOLOGIA

Neste artigo foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo. Para Barros e Lehfeld “A pesquisa constitui um ato dinâmico de questionamento, indagação e aprofundamento. Consiste na tentativa de desvelamento de determinados objetos. É a busca de uma resposta significativa a uma dúvida ou problema” (BARROS, LEHFELD, 2007, p.27). Segundo Roesch: “A pesquisa qualitativa é uma alternativa metodológica de pesquisa que pode ser apropriada para qualquer tipo de projeto” (ROESCH, 2009, p.81).

Os participantes da pesquisa foram dez professores da Pré-escola, da rede particular e pública, dos municípios de Cachoeirinha e Gravataí. A fim de levantar dados consistentes para a pesquisa de campo, optou-se por manter o sigilo dos participantes. Assim, utilizamos siglas para representar cada professor entrevistado: P1 EA; P2 EA; P3 EA; P4 EA; P5 EA; P6 EA; P7 EA; P8 EA; P9 EA e P10 EA.

Foram realizadas entrevistas e observações em escolas da rede particular e pública, em específico com turmas da pré-escola, onde foram entrevistados dez professores e observadas

cinco turmas. A entrevista foi feita com perguntas abertas para que os professores pudessem expor e relatar suas respostas. Segue as perguntas realizadas: Qual o critério que você utiliza na escolha do livro?; Você realiza uma leitura prévia deste livro?; Você utiliza-se de alguma preparação para o momento da hora do conto? Sala, livros. Quais?; Você considera a hora do conto um momento importante para as crianças? Por quê ?; Na hora do conto você utiliza-se de alguma prática pedagógica: Voz, som (alguma estratégia)?; Você gosta de contar histórias, sente prazer e interesse de contar?; O que você nota nas crianças quando você conta uma história?; Você considera que as histórias alimentam a imaginação, por quê?

As observações foram realizadas com alunos e professores, exatamente no momento da hora do conto, por meio de um roteiro: professores e alunos da turma observada, local da contação de história, preparação da professora com a turma, didática utilizada pela professora, comportamento e atitudes dos alunos antes, durante e depois da história. Para Marconi e Lakatos: “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade”. (MARCONI, LAKATOS, 2003, p.190).

A entrevista realizou-se através do método despadronizado ou desestruturado, ao qual o entrevistador tem liberdade para desenvolver situações, ou seja, conduzir as entrevistas. Marconi e Lakatos afirmam: “É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p.197).

Segundo Marconi e Lakatos, a análise de dados é uma forma de salientar as relações existentes entre o caso estudado com outros fatores relacionados. A análise é realizada em três níveis: Interpretação, Explicação e Especificação. Para Marconi e Lakatos: “Uma vez manipulados os dados obtidos, o passo seguinte é a análise e interpretação dos mesmos, constituindo-se ambas no núcleo central da pesquisa” (MARCONI, LAKATOS, 2003, p.167).

As categorias elencadas são procedimentos de análise de conteúdo, divididas em etapas. Segundo Bardin: “A categorização é uma operação de elementos construtivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2010, p.145). A partir dos dados coletados das entrevistas preenchidas contendo oito perguntas cada, e as respostas avaliadas, foram escolhidas as categorias, sendo subdivididas em três. As três categorias elencadas foram as seguintes: hora do conto; imaginário e literatura infantil.

Os dados, depois de coletados, foram tabulados. A tabulação aconteceu através de dados obtidos; representados por tabelas as quais nos possibilitaram analisá-las com maior facilidade.

Para Marconi e Lakatos: “É à disposição dos dados em tabelas, possibilitando maior facilidade na verificação das inter-relações entre eles [...]” (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.167).

9 ALGUMAS CONSTATAÇÕES DA PESQUISA

A hora do conto é fundamental para as crianças da pré-escola, pois é um momento lúdico e pedagógico, no qual auxilia as crianças a enfrentarem os problemas, ajuda na formação do caráter, estimulando-as assim a expor ideias, observar, pensar e refletir. Abramovich completa dizendo que:

É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos, dum jeito ou de outro, através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança) ... e assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho pela resolução delas (ABRAMOVICH, 2005, p.17).

Conforme palavras da professora P2EA: *A hora do conto é um momento muito importante para a criança, e precisa ser incentivado na medida em que além do prazer que proporciona, permite o desenvolvimento intelectual.*

Para se fazer da hora do conto um momento especial, inesquecível e principalmente significativo para esse aluno, o professor precisa saber contar uma história, ou seja, conhecer a história que vai ser contada, fazer uma preparação prévia do ambiente e da turma, saber escolher o livro, perceber se condiz com a faixa etária, e se esse livro tem uma qualidade literária. Segundo Abramovich:

Contar histórias é uma arte.... é tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro.... Ela é o uso simples e harmônico da voz. Daí quando se vai ler uma história seja qual for para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se vê na estante... (ABRAMOVICH, 2005, p.18).

Um dos principais fatores para a realização da contação de histórias é o acionamento da imaginação, que para as crianças é um ponto importante, pois através do faz de conta elas conseguem explorar ambientes, transportar-se de lugares. Entram no mundo de magia e são capazes de criar e recriar suas próprias histórias, estimulando seus pensamentos a compreender, entender e buscar soluções muitas vezes de seus próprios problemas.

Para a professora P5EE: *Quando uma criança ouve uma história, ela penetra em um mundo diferente, mágico, imaginário, onde fadas, bruxas, lobos, madrastas, heróis, atuam como seres fantásticos, mágicos, alimentando o seu eu, despertando suas fantasias e seus desejos inconscientes de ser fada, príncipe, etc.....*

Os textos pertencentes à literatura infantil são antes de tudo arte e destinados ao leitor infantil. Segundo Coelho:

A literatura Infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (CUNHA, 2005, p. 27).

A professora P7ED completa dizendo que: *Sinto muito prazer em contar histórias, porque acho que a literatura [...] desenvolve o pensamento, o raciocínio lógico dentre muitos outros fatores importantes para a criança.*

Segundo Coelho (2005), a literatura infantil une os sonhos da vida prática do imaginário, busca a realização dos ideais possíveis ou impossíveis. A literatura infantil é antes de qualquer coisa literatura, é arte, fenômeno de criatividade que representa o homem, o mundo, a vida através de palavras, que expressa uma determinada experiência humana dificilmente podendo ser definida com exatidão. A literatura infantil em sua essência é a mesma literatura “destinada aos adultos”, porém as diferenças que as destacam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor no caso a criança. Segundo Cunha: “No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida em grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade” (CUNHA, 2005, p.29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista de uma perspectiva sobre a importância da hora do conto para a formação e para o desenvolvimento do indivíduo precisamos pensar em atividades pedagógicas que auxiliem os professores a desenvolver diferentes maneiras para esse momento. Através desse trabalho, foi possível analisar os tipos de práticas utilizadas pelos professores da pré-escola na hora do conto, e de como é importante, tanto para os alunos quanto para os professores, a contação de histórias. Após uma coleta de dados realizada através de observações e entrevistas, em escolas de Educação Infantil, com alunos e professores da turma do pré, os dados foram analisados e foi possível constatar que a maior parte dos entrevistados utiliza alguma prática pedagógica para o momento da hora do conto.

A pesquisa alcançou o objetivo proposto nesse trabalho, trazendo dados importantes, salientando também que todos os professores realizam a hora do conto quase que diariamente, e muito mais da metade faz com que a contação de histórias seja um momento único, mágico e importante. São variadas e diferentes práticas pedagógicas utilizadas pelo contador, como sendo

uma das principais, através da escolha do livro, que precisa ser condizente com a faixa etária, outro fator importante é de que o professor deveria realizar uma leitura prévia desta história para não haver nenhum tipo de erro ou dificuldades ao contar para as crianças, ou seja que esse momento seja planejado e não uma atividade improvisada.

Podemos perceber também a preferência dos professores por livros com pequenas histórias, principalmente os que possuem muitas ilustrações, pois conforme os estudos, crianças desta faixa etária têm interesses por livros com pouca escrita e com muitas imagens. Nos dados coletados, podemos observar que muitos professores fazem da hora do conto um momento especial com diferentes práticas lúdicas, utilizando-se de fantoches, desenhos, varal de histórias, bonecos, caracterização e entonação da voz dos diferentes personagens da história, alguns ainda usam recursos com áudio e vídeo.

Todos esses recursos são importantes para fazer com que a crianças se afeioe pelos livros, despertando o gosto pela leitura, pois essa afeição faz com que a criança entre na história, ou seja, ela participa através da sua imaginação, criando, recriando, fantasiando e explorando esses pensamentos transmitidos pelo conto.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aletéia Eleutério. ESPÍNDOLA, Ana Lúcia. MASSUIA, Caroline Sanchez. **Oralidade, fantasia e infância: Há lugar para os contos de fadas na escola**, In: SOUZA, Renata Junqueira. FEBA, Berta Lúcia Tagliari (org.). **Leitura Literária na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

ABRAMOVICH, Fanny. **Pensamento e Ação no Magistério**: Literatura Infantil Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2010.

BARROS, Aidil Jesus da Silveira. LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: 9.394/96. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em 03 de Abril.

_____. **Constituição Federal**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em 20 de Abril.

_____. **RCNEI**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em 30 de Abril.

- COSTA, Fátima Neves do Amaral. **O Cuidar e o Educar na Educação Infantil**. In: ANGOTTI, Maristela (org.). **Educação Infantil**: Para que, para quem, e por quê. São Paulo: Alínea, 2010.
- COELHO, Betty. **Contar Histórias**: Uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2004.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2005.
- CRAIDY, Carmen Maria. KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (org.). **Educação Infantil**: Para que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil**: Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 2005.
- DURANT, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação**. Arte e Ciência na Infância. Pro-Posições. Campinas; v 22, n.2, p.75-92, maio/ ago. 2011.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMANN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira**: História e Histórias. São Paulo: Ática, 2005.
- MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**: Ciência e Conhecimento Científico, Métodos Científicos, Teoria, Hipóteses e Variáveis, Metodologia Jurídica. São Paulo: Atlas, 2004.
- _____. **Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração**: Guia para estagiários, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso. São Paulo: Atlas 2009.
- ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1994.
- _____. **A Literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.